

## OSCAR WILDE OU A IDENTIDADE POÉTICA ENCARCERADA

*Latuf Isaias Mucci\**

*“The truth is rarely pure and never simple.”<sup>1</sup>*

Oscar Wilde.

*“In this world there are only two tragedies. One is not getting what one wants, and the other is getting it.”<sup>2</sup>*

Oscar Wilde

### RESUMO:

Este artigo tem como objetivo expor a alma dândi de Oscar Wilde. Sua vida demonstra eventos de extravagância, afirma a liberdade e a tolerância à homoafetividade. A imagem do autor de **O retrato de Dorian Gray** ainda sofreu um processo penal em razão de sua relação com lord Alfred Bruce Douglas, chamado Bosie, apesar de Wilde ser casado. Outras questões biográficas podem demonstrar a experiência fantástica de uma vida extravagante.

**Palavras-chave:** Oscar Wilde. Dândi. Biografia.

### 1- Biodata de um dândi.

*Todo excesso, assim como toda renúncia, carrega consigo sua própria punição*  
Oscar Wilde

Celeberrimo como crítico de arte, contista, dramaturgo, romancista (embora de um único romance): **The Picture of Dorian Gray** (1891), o irlandês Oscar Fingal O'Flahertie Wills Wilde, ou, simplesmente, Oscar Wilde (1854-1900) foi, também,

---

\* Professor-Associado da Universidade Federal Fluminense.

<sup>1</sup> “A verdade raramente é pura e nunca é simples” (Trad. nossa).

<sup>2</sup> “Neste mundo, há apenas duas tragédias: uma é por não conseguir o que se quer; outra, por consegui-lo” (Trad. nossa)

excelente poeta, ainda que seja pouco explorada pela crítica essa faceta de proteico dândi. Virou poesia tudo o que a pena pródiga de Wilde – Midas esteta - tocou, desde 1878, quando seu poema “Ravenna” ganhou, em Oxford, o prêmio “*Newdigate*”; com efeito, a *écriture artiste* de um verdadeiro prócer do movimento *l’art pour l’art* enformou, insistentemente, seus mais diversos textos, configurando uma estética *flamboyante*, em que a arte da poesia, propriamente dita, teve vez e voz altissonante. Na seminal produção poética wildiana, “The Ballad of Reading Gaol”, de 1898, (“A Balada da Prisão de Reading”), seu último poema, marca, profundamente, não só o momento histórico do escritor, prisioneiro, por dois anos, com trabalhos forçados, por alegados motivos de homossexualismo, como também a literatura universal de todos os tempos, dado que descortina, modernamente, uma identidade poética encarcerada, que transborda as grades do espaço e do tempo, constituindo uma genialidade poética, que ditadura alguma jamais conseguirá destruir. Este estudo rompe as grades dos signos poéticos de “The Ballad of Reading Gaol” e busca indiciar a última máscara de Oscar Wilde, desnudo em sua identidade encarcerada.

A respeito de seu compatriota, James Joyce escreveu, num texto intitulado “Oscar Wilde, o poeta de *Salomé*” (“Oscar Wilde: Il Poeta di *Salomé*”, no **Il Piccolo della Sera**, Trieste, 24 de março de 1909):

Oscar Fingal O’Flahertie Wills Wilde. Esses foram os títulos altissonantes que, com exagerado orgulho juvenil, ele gravou na página de rosto de sua primeira coleção de poemas, e, nesse gesto vaidoso, através do qual tentou alcançar notabilidade, estão os sinais de sua vaidosa ambição e da sorte que já o esperava. Seu nome o simboliza: Oscar, sobrinho de rei Fingal e filho único de Ossian, na amórfica Odisseia céltica, foi morto traiçoeiramente pela mão de seu anfitrião, quando se sentou à mesa. O’Flahertie, uma selvagem tribo irlandesa, cujo destino era investir contra os portões das cidades medievais; um nome que incita terror em homens pacíficos, que ainda recitam, entre pragas, o ódio a Deus e ao espírito de fornicção, uma antiga ladainha dos santos: “dos selvagens O’Flaherties, *libera nos, Domine*”. Como aquele Oscar, encontrou sua morte pública na flor da sua idade, quando se sentou à mesa, coroado com falsas folhas de videira e discutindo Platão. Como aquela tribo selvagem, estava para quebrar a lança de seus paradoxos naturais contra as convenções sociais e ouvir, como um exilado

desonrado, o coro de virtuosos recitar seu nome junto àqueles imorais.<sup>3</sup>

## 2- Crônica de uma paixão encarcerada ou “*The 19th Century Soap Opera of Oscar Wilde and the Marquess of Queensberry*”

*We are all in the gutter, but some of us are looking at the stars*<sup>4</sup>  
Oscar Wilde

*Ele (Bosie) jogou dados com o pai pela minha vida e perden.*  
Oscar Wilde (Apud HOLLAND, p. 174).

Em 1883, o irlandês Oscar Wilde retornou a Londres, onde pôde exibir-se, em alto e bom som, depois de um ano de conferências exitosas nos Estados Unidos e no Canadá. Cheio de talento, de paixão e, sobretudo de si mesmo, o “apóstolo da Beleza” cortejou e se casou com a bela Constance Lloyd (1858-1898), com quem teve dois meninos – Cyril e Vyvyan, nascidos, respectivamente, em 1885 e 1886.

Pouco tempo depois, o *mit* wildiano, seu caráter *flamboyant* e o exuberante gênio foram amplamente reconhecidos e sua carreira literária alcançou o ápice com a publicação, na **Lippincott's Monthly Magazin**, dia 20 de junho de 1890, de seu único romance, **The Picture of Dorian Gray**. Logo em seguida, Wilde iniciou um longo caso amoroso com o jovem canadense, nascido na França, jornalista e crítico de arte, Robert Baldwin “Robbie” Ross (1869–1918), que se tornaria seu testamenteiro e que seria enterrado, no cemitério Père Lachaise, em Paris, ao lado do amante.

A partir da aparição do romance, a vida e a obra do autor de **O retrato de Dorian Gray** entraram, definitiva e contundentemente, na contramão das convenções homofóbicas da conservadoríssima sociedade vitoriana. Tanto é que quanto mais ele se tornava célebre mais havia o risco de um escândalo sexual. Em 22 de fevereiro de 1892, na estreia, no St. James Theatre, em Londres, da exitosa peça **Lady Windermere's Fan: A Play About a Good Woman**, que satiriza a moral vitoriana, sobretudo no que diz respeito ao casamento, o dramaturgo foi apresentado a um belo jovem estudante de Oxford – Lorde Alfred Bruce Douglas (1870-1945) –, apelidado de Bosie, 16 anos mais

<sup>3</sup> Tradução nossa.

<sup>4</sup> “Todos estamos na sarjeta, mas alguns de nós olhamos para as estrelas” (Trad. nossa).

novo do que ele e de quem se apaixonou perdidamente, iniciando uma relação tempestuosa, que o consumiu e o levou à destruição total. Note-se que a mãe do jovem chamava-se Sibyl, coincidentemente o nome de um personagem absolutamente sedutor do romance wildiano e que foi o grande amor de Dorian, causador de seu dramático suicídio. “Two Loves” – onde está o famoso verso, inscrito como *grand-finale*, “I am the love that dare not speak its name”<sup>5</sup> – é poema da autoria de Bosie, também tradutor, inclusive para o inglês do original francês **Salomé**, peça escrita por Wilde, em 1892. Em 1891, Oscar Wilde compôs, em homenagem a Bosie, o poema “The new remorse” (“O novo remorso”), que, numa leitura atenta, recheia-se, a partir do próprio título e do verso inaugural, de maus agouros.

#### THE NEW REMORSE

The Sin was mine; I did not understand.  
 So now is music prisoned in her cave,  
 Save where some ebbing desultory wave  
 Frets with its restless whirls this meagre strand.  
 And in the withered hollow of this land  
 Hath Summer dug herself so deep a grave,  
 That hardly can the leaden willow crave  
 One silver blossom from keen Winter's hand.  
 But who is this who cometh by the shore?  
 (Nay, love, look up and wonder!) Who is this  
 Who cometh in dyed garments from the South?  
 It is they new-found Lord, and he shall kiss  
 The yet unravished roses of thy mouth,  
 And I shall weep and worship, as before<sup>6</sup>.  
 (Lord Alfred “Bosie” Douglas Website)

Na relação amorosa de Wilde e Bosie, “um narciso branco e dourado” – como Wilde chamava seu preferido – não faltavam garotos de programa e a vida promíscua

<sup>5</sup> “Eu sou o amor que não ousa dizer seu nome” (Trad. nossa).

<sup>6</sup> “O novo remorso. O pecado foi meu: não soube compreender. Assim, pois, prisioneira está a música em sua cela. Apenas e, de quando em quando, a vibração passageira de uma onda atormentada com seus movimentos incessantes esta costa infecunda. E no fundo emurchecido deste país, o estio cavou para si uma tumba tão profunda, que o salgueiro cor de chumbo apenas se atreve a implorar do inverno, de cortante hálito, uma flor de prata. Mas quem é que vem para esta costa? (Não, meu amor: levanta os olhos e admira.) Quem é que chega do Sul com tingidas roupas? É o amo que acabas de encontrar; colherá ele as rosas que ainda não foram arrebatadas de tua boca e eu continuarei como dantes, chorando e adorando” (WILDE, 1986, p. 968).

de ambos levou o primeiro a negligenciar a esposa e os filhos, o que lhe causou, para sempre, imensa culpa. Não suportando o relacionamento de seu terceiro filho com um tão famoso uranista, o Marquês de Queensberry, adentrou, em 18 de fevereiro de 1895, após o estrondoso sucesso da estreia de **The Importance Of Being Earnest** (1895), o clube The Albermarle, em que Oscar Wilde estaria, deixando-lhe com o porteiro um bilhete nestes termos: “*To Oscar Wilde posing Sodomite*” (note-se o equívoco na grafia do insulto, onde sobra um “m”!).

### 3- O processo perverso

*O vitorianismo estava pronto para o ataque.*  
Richard Ellmann (1989, p. 431).

Bosie odiava o pai, ódio que ficou consignado em correspondência epistolar trocada entre eles:

Carta do Marquês de Queensberry a seu filho, em primeiro de abril de 1894:

ALFRED,

Your intimacy with this man Wilde must either cease or I will disown you and stop all money supplies. I am not going to try and analyse this intimacy, and I make no charge; but to my mind to pose as a thing is as bad as to be it. With my own eyes I saw you in the most loathsome and disgusting relationship, as expressed by your manner and expression. Never in my experience have I seen such a sight as that in your horrible features. No wonder people are talking as they are. Also I now hear on good authority, but this may be false, that his wife is petitioning to divorce him for sodomy and other crimes. Is this true, or do you not know of it? If I thought the actual thing was true, and it became public property, I should be quite justified in shooting him on sight.

YOUR DISGUSTED, SO-CALLED FATHER,

Queensberry

(Lord Alfred “Bosie” Douglas Website)

A resposta do filho rejeitado foi num sucinto telegrama: “*What a funny little man you are.*”<sup>7</sup> (Lord Alfred Bosie Douglas Website)

<sup>7</sup> “Que homenzinho engraçado você é” (Trad. nossa).

Com seu poder de sedução, Bosie persuadiu Oscar Wilde a processar o Marquês pela difamação; como era ilegal a homossexualidade, Queensberry poderia derrubar o processo de Wilde, convocando ao tribunal garotos de programa (*rent boys*), que testemunhariam sobre a conduta imoral do escritor irlandês.

Iniciam-se os processos no tribunal de Old Bailey. Em 11 de abril de 1895, Oscar é preso provisoriamente, por crime inafiançável. Em 3 de maio, na ausência de uma decisão do Júri, é concedida a liberdade sob fiança. Seus amigos preparam-lhe uma fuga para a França. Ele, porém, inclusive com o apoio total de sua mãe, Jane Francesca Agnes, Lady Wilde (1821-1896), prefere entregar-se à fatalidade. Wilde volta a comparecer ao tribunal em 7 de maio. Posto novamente em liberdade, refugia-se na casa do irmão William. Em 20 de maio, inicia-se a fase de revisão do processo. O poema “Two Loves”, de Bosie, “o anjo de cabelos dourados”, de Wilde, foi publicado em 1894:

I dreamed I stood upon a little hill,  
 And at my feet there lay a ground, that seemed  
 Like a waste garden, flowering at its will  
 With buds and blossoms. There were pools that dreamed  
 Black and unruffled; there were white lilies  
 A few, and crocuses, and violets  
 Purple or pale, snake-like fritillaries  
 Scarce seen for the rank grass, and through green nets  
 Blue eyes of shy peryenche winked in the sun.  
 And there were curious flowers, before unknown,  
 Flowers that were stained with moonlight, or with shades  
 Of Nature's willful moods; and here a one  
 That had drunk in the transitory tone  
 Of one brief moment in a sunset; blades  
 Of grass that in an hundred springs had been  
 Slowly but exquisitely nurtured by the stars,  
 And watered with the scented dew long cupped  
 In lilies, that for rays of sun had seen  
 Only God's glory, for never a sunrise mars  
 The luminous air of Heaven. Beyond, abrupt,  
 A grey stone wall, o'ergrown with velvet moss  
 Uprose; and gazing I stood long, all mazed  
 To see a place so strange, so sweet, so fair.  
 And as I stood and marvelled, lo! across  
 The garden came a youth; one hand he raised  
 To shield him from the sun, his wind-tossed hair  
 Was twined with flowers, and in his hand he bore  
 A purple bunch of bursting grapes, his eyes

Were clear as crystal, naked all was he,  
 White as the snow on pathless mountains frore,  
 Red were his lips as red wine-spilith that dyes  
 A marble floor, his brow chalcedony.  
 And he came near me, with his lips uncurled  
 And kind, and caught my hand and kissed my mouth,  
 And gave me grapes to eat, and said, 'Sweet friend,  
 Come I will show thee shadows of the world  
 And images of life. See from the South  
 Comes the pale pageant that hath never an end.'  
 And lo! within the garden of my dream  
 I saw two walking on a shining plain  
 Of golden light. The one did joyous seem  
 And fair and blooming, and a sweet refrain  
 Came from his lips; he sang of pretty maids  
 And joyous love of comely girl and boy,  
 His eyes were bright, and 'mid the dancing blades  
 Of golden grass his feet did trip for joy;  
 And in his hand he held an ivory lute  
 With strings of gold that were as maidens' hair,  
 And sang with voice as tuneful as a flute,  
 And round his neck three chains of roses were.  
 But he that was his comrade walked aside;  
 He was full sad and sweet, and his large eyes  
 Were strange with wondrous brightness, staring wide  
 With gazing; and he sighed with many sighs  
 That moved me, and his cheeks were wan and white  
 Like pallid lilies, and his lips were red  
 Like poppies, and his hands he clenched tight,  
 And yet again unclenched, and his head  
 Was wreathed with moon-flowers pale as lips of death.  
 A purple robe he wore, o'erwrought in gold  
 With the device of a great snake, whose breath  
 Was fiery flame: which when I did behold  
 I fell a-weeping, and I cried, 'Sweet youth,  
 Tell me why, sad and sighing, thou dost rove  
 These pleasant realms? I pray thee speak me sooth  
 What is thy name?' He said, 'My name is Love.'  
 Then straight the first did turn himself to me  
 And cried, 'He lieth, for his name is Shame,  
 But I am Love, and I was wont to be  
 Alone in this fair garden, till he came  
 Unasked by night; I am true Love, I fill  
 The hearts of boy and girl with mutual flame.'  
 Then sighing, said the other, 'Have thy will,  
 I am the love that dare not speak its name.'

(Lord Alfred "Bosie" Douglas Website)

E foi usado no tribunal como prova da promotoria; em 25 de maio de 1895, Wilde contestou, afirmando que amava com sentimento e que tinha a coragem de dizer o nome de seu amor:

O “amor que não ousa dizer o nome” nesse século é a grande afeição de um homem mais velho por um homem mais jovem como aquela que houve entre Davi e Jonatas, é aquele amor que Platão tornou a base de sua filosofia, é o amor que você pode achar nos sonetos de Michelangelo e Shakespeare. É aquela afeição profunda, espiritual que é tão pura quanto perfeita. Ele dita e preenche grandes obras de arte como as de Shakespeare e Michelangelo, e aquelas minhas duas cartas, tal como são. Esse amor é mal entendido nesse século, tão mal entendido que pode ser descrito como o ‘Amor que não ousa dizer o nome’ e por causa disso estou onde estou agora. Ele é bonito, é bom, é a mais nobre forma de afeição. Não há nada que não seja natural nele. Ele é intelectual e repetidamente existe entre um homem mais velho e um homem mais novo, quando o mais velho tem o intelecto e o mais jovem tem toda a alegria, a esperança e o brilho da vida à sua frente. Que as coisas deveriam ser assim o mundo não entende. O mundo zomba desse amor e às vezes expõe alguém ao ridículo por causa dele<sup>8</sup>.

A correspondência epistolar amorosa de Wilde e Bosie foi, igualmente, exibida nos tribunais:

January 1893, Babbacombe Cliff

My Own Boy,

Your sonnet is quite lovely, and it is a marvel that those red-roseleaf lips of yours should be made no less for the madness of music and song than for the madness of kissing. Your slim gilt soul walks between passion and poetry. I know Hyacinthus, whom Apollo loved so madly, was you in Greek days. Why are you alone in London, and when do you go to Salisbury? Do go there to cool your hands in the grey twilight of Gothic things, and come here whenever you like. It is a lovely place and lacks only you; but go to Salisbury first.

Always, with undying love,  
Yours, Oscar

March 1893, Savoy Hotel

Dearest of All Boys,

Your letter was delightful, red and yellow wine to me; but I am sad and out of sorts. Bosie, you must not make scenes with

<sup>8</sup> <http://literatus.blogspot.com/2008/11/o-amor-que-no-ousa-dizer-o-nome-nesse.html>

me. They kill me, they wreck the loveliness of life. I cannot see you, so Greek and gracious, distorted with passion. I cannot listen to your curved lips saying hideous things to me. I would sooner be blackmailed by every renter [“renter” was a slang term for male prostitutes] in London than to have you bitter, unjust, hating. You are the divine thing I want, the thing of grace and beauty; but I don't know how to do it. Shall I come to Salisbury? My bill here is 49 pounds for a week. I have also got a new sitting-room over the Thames. Why are you not here, my dear, my wonderful boy? I fear I must leave; no money, no credit, and a heart of lead.

Your own, Oscar

(WILDE, 1981, p. 716).

Cinco dias depois, o escritor foi julgado culpado de “práticas estranhas à natureza” e condenado a dois anos de trabalhos forçados pelo tribunal de Old Baley. Em 1894, o romance *à clef* **The Green Carnation**, de Robert Hichens, baseado na relação de Wilde e Bosie, foi publicado, sendo também brandido, nos julgamentos de 1895, contra Wilde. O polêmico prefácio do romance wildiano **The Picture of Dorian Gray** foi, igualmente, arrolado entre as provas de “grande indecência”, cometida pelo réu inconfesso:

The artist is the creator of beautiful things.  
 To reveal art and conceal the artist is art's aim.  
 The critic is he who can translate into another manner or a new material his impression of beautiful things.  
 The highest, as the lowest, form of criticism is a mode of autobiography.  
 Those who find the ugly meanings in beautiful things are corrupt without being charming. This is a fault.  
 Those who find beautiful meanings in beautiful things are cultivated. For these there is hope.  
 They are the elect to whom beautiful things mean only Beauty.  
 There is no such thing as a moral or an immoral book.  
 Books are well written, or badly written. That is all.  
 The nineteenth century dislike of Realism is the rage of Caliban seeing his own face in a glass.  
 The nineteenth century dislike of Romanticism is the rage of Caliban not seeing his own face in a glass.  
 The moral life of man forms part of the subject-matter of the artist, but the morality of art consists in the perfect use of an imperfect medium. No artist desires to prove anything. Even things that are true can be proved.  
 No artist has ethical sympathies. An ethical sympathy in an artist is an unpardonable mannerism of style.

No artist is ever morbid. The artist can express everything.  
 Thought and language are to the artist instruments of an art.  
 Vice and virtue are to the artist materials for an art.  
 From the point of view of form, the type of all the arts is the art  
 of the musician. From the point of view of feeling,  
 the actor's craft is the type.  
 All art is at once surface and symbol.  
 Those who go beneath the surface do so at their peril.  
 Those who read the symbol do so at their peril.  
 It is the spectator, and not life, that art really mirrors.  
 Diversity of opinion about a work of art shows that the work is  
 new, complex, and vital.  
 When critics disagree the artist is in accord with himself.  
 We can forgive a man for making a useful thing as long as he  
 does not admire it. The only excuse for making  
 a useless thing is that one admires it intensely.  
 All art is quite useless. (WILDE, 1981, p. 138-139).

Em 27 de maio, Wilde é conduzido à Prisão de Pentoville, de onde passa, dias depois, à de Wandsworth. Em 13 de novembro, é transferido para a prisão de Reading, em que ficaria até o fim da sentença. Após esse fato funesto, suas obras são recolhidas das livrarias e suas peças retiradas de cartaz. Os bens que lhe restam são leiloados para cobrir despesas do processo judicial. Mesmo atravessando tal turbulência, escreve “A balada do Cárcere de Reading”, baseado na execução do ex-sargento Charles T. Woolridge, dentro da Prisão de Reading, e **De Profundis**, uma longa carta destinada lord Douglas, que ironizando **De Profundis**, escreveu seu melhor trabalho, quase um eco: **In Excelsis**, de 1924, com 17 cantos, onde achava ter atingido a perfeição total como ser humano

Oscar Wilde era o preso C.3.3. (“C”, de Cristo? “33”, a idade que tinha Cristo quando foi crucificado?) no presídio de Reading, sigla que correspondia, de fato, ao bloco C, terceiro andar, sala 3, em que estava encarcerado. Na madrugada de 3 de fevereiro de 1896, no período em que estava cumprindo a sentença, alegou ter tido uma visão de sua mãe. “Eu a convidei para sentar, mas ela só balançou a cabeça”, disse o escritor. Na manhã seguinte, recebeu a notícia do falecimento de sua mãe.

Após ser libertado em 19 de maio de 1897, vai para a França e adota o pseudônimo Sebastian Melmoth, que implica uma dupla homenagem: o prenome remete ao mártir, tão reproduzido na pintura do Renascimento italiano, ao passo que, já

o sobrenome é o do protagonista de um célebre romance gótico, publicado em 1820, **Melmoth, the wanderer**, do escritor irlandês Charles Robert Maurin (1782-1842), tio-avô, por parte materna, de Wilde. O enredo gira em torno do pacto com o diabo: o angustiado irlandês terá, em troca de sua alma, uma eterna e sobrenatural longevidade. Mas Melmoth procura alguém com quem trocar seu destino. Vê-se que a família de Dorian Gray vem do século XVIII. O pseudônimo foi utilizado para abrir o registro no Hotel d'Alsace, na Rue des Beaux-Arts 13, em Paris, local onde passou seus últimos dias. Ainda manteve um contato distante com Lorde Alfred Douglas, a quem dirigiu esta carta, logo depois de sua soltura da prisão de Reading:

July 1897

I feel that my only hope of again doing beautiful work in art is being with you. Everyone is furious with me for going back to you, but they don't understand us. I feel that it is only with you that I can do anything at all. Do remake my ruined life for me, and then our friendship and love will have a different meaning to the world.

- Oscar Wilde

(Lord Alfred “Bosie” Douglas Website)

Após esse período conturbado, envolvendo as acusações, processos jurídicos, condenação e declínio moral e financeiro, Wilde conheceu a face mais rude da pobreza. Passou a maior parte do tempo em quartos de hotéis baratos destruindo-se através do absinto. Envergonhados pelo destino do pai, os filhos do escritor maldito, os quais nunca mais veria, chegam a trocar de nome, inclusive porque a família Wilde foi impedida de hospedar-se em um hotel na Suíça. Constance Holland, ex-mulher Wilde, morreu em 1899. Na manhã do dia 30 de novembro de 1900, às 9:50, em um quarto franciscano do Hôtel d'Alsace, falece, vítima de um ataque de meningite (agravado pelo álcool e pela sífilis) e de uma infecção no ouvido conhecida por *cholesteotoma*. Inicialmente, seu corpo foi sepultado numa cova alugada no cemitério de Bagneux, e, só dez anos mais tarde, depois de sua morte, quando todas as suas dívidas tinham sido pagas, os restos mortais foram trasladados para o cemitério Père Lachaise, onde repousa até hoje, com uma inscrição, retirada do Livro de Jó:

*Partiti sunt sibi vestimenta mea et super  
Vestem meam miserunt sortis*<sup>9</sup>

O trabalho de escultura desse túmulo foi executado por Sir Jacob Epstein (1880-1959). Seu fidelíssimo amigo e ex-amante Robbie Ross arcou com todas as despesas do funeral.

Após a morte de Oscar, Bosie aparentou muito sofrimento, mas converteu-se ao catolicismo e casou-se. Esse matrimônio, apesar de render um filho, não durou muito tempo e, devido à vida pregressa com Oscar, não pôde manter a guarda do filho, que, esquizofrênico, passou a vida no hospital, onde faleceu. Um ano após a morte de Wilde, Bosie compôs este poema:

The Dead Poet

I dreamed of him last night, I saw his face  
All radiant and unshadowed of distress,  
And as of old, in music measureless,  
I heard his golden voice and marked him trace  
Under the common thing the hidden grace,  
And conjure wonder out of emptiness  
Till mean things put on beauty like a dress  
And all the world was an enchanted place.

And then methought outside a fast locked gate  
I mourned the loss of unrecorded words,  
Forgotten tales and mysteries half said,  
Wonders that might have been articulate,  
And voiceless thoughts like murdered singing birds.  
And so I woke and knew he was dead.

(Lord Alfred “Bosie” Douglas Website)

Em seu livro de memórias, **Without Apology (Sem desculpas)**, escrito em 1938, fica evidente que não se esquecera do escritor. Coincidentemente, em 1945, quando faleceu Lorde Douglas, **O retrato de Dorian Gray** ganhou uma primeira versão cinematográfica nos Estados Unidos, sob a direção de Albert Lewin. Um dia escreveu, quase de forma epigramática, Oscar Wilde: “Todos veem seu próprio pecado

<sup>9</sup> “Repartirão entre si os mesmos vestidos, e lançarão sorte sobre a minha túnica” (Salmo 21:19) (Trad. nossa).

em Dorian Gray”. Qual foi o pecado de Dorian Gray, ninguém diz e ninguém sabe. Qualquer um que o reconheça tê-lo-á cometido. Será pecado amar?

#### 4- A poesia liberta

*Nós irlandeses somos poéticos demais para sermos poetas*  
Oscar Wilde (Apud Holland, 2000, p. 8)

*Não canso de dizer: o modernismo não foi um movimento democrático.*  
Peter Gay (2009, p. 82)

Após ser libertado do cárcere, Oscar Wilde compôs, entre 1896 e 1897<sup>10</sup>, em seu exílio na Itália e na França, sua última produção: o poema “The Ballad of Reading Goal” (“A Balada da Prisão de Reading”), em homenagem ao ex-sargento Charles Thomas Woolridge, que ele conhecera na prisão e que foi condenado à forca por haver degolado sua esposa, sendo executado em 7 de julho de 1896, mesmo ano em que foi representada, em Paris, **Salomé** (MUCCI, 2008), protagonizada por Sarah Bernhardt. Como documento humano duma dolorosa experiência pessoal, este poema integra-se na carta De profundis, de que se pode considerar complemento, apesar de essa carta a Bosie, escrita na prisão, só ter sido publicada postumamente, em 1905. Quando editado, pela primeira vez, em 13 de fevereiro de 1898, o longo poema não tem o nome do autor (aliás como em suas peças de teatro, publicadas durante seu aprisionamento); aparece uma enigmática sigla C.3.3., que remete, como especificado *supra*, à cela do dândi em desgraça total; esse anonimato estendeu-se até à sétima edição, em junho de 1899, da “Balada”, quando, então, ao lado da cifra C.3.3., aparece, entre parênteses, o nome do autor; as consecutivas edições (a segunda edição, por exemplo, ocorreu em 24 de fevereiro de 1899) testemunham o êxito da obra final de Wilde. A humilhação permaneceu para o resto da vida de Wilde, “primeiro homem moderno”, “mártir do esteticismo”, apóstolo da estética *L’Art pour l’Art*. De acordo com Richard Ellmann, o

<sup>10</sup> *Data venia*, corrigimos Jorge de Sena, que, em **A literatura inglesa**, quívoca-se quanto à cronologia da obra wildeana, quando afirma que Wilde “na prisão, escreve um dos mais belos poemas da língua inglesa, apesar de certas afectações de estilo, que não é capaz de abandonar: “The Ballad of Reading Goal” (1898) (...) (1989, p. 333). Observa Oscar Mendes: “O célebre poema de Oscar Wilde, a “A Balada do Cárcere de Reading” não foi escrito ali. O que escreveu em sua cela, nas folhas soltas de papel que eram tudo o que lhe permitiam ter de cada vez, foi a comprida carta a Lorde Alfred Douglas, que mais tarde recebeu o nome de **De Profundis** (in WILDE, 1986, p. 35)

mais renomado biógrafo de Wilde, “em ‘A balada da prisão de Reading’, a última humilhação que o condenado sofre é não poder ser enforcado vestindo seu casaco vermelho” (ELLMANN, 1988, p. 16); tampouco pôde Oscar Wilde envergar, depois da prisão e do exílio, sua extravagante indumentária de dândi e ser coberto pelos louros de sua exitosa obra literária, inclusive daquela onde meditava sobre a crueldade da (in) justiça dos homens.

“The Ballad of Reading Goal” (WILDE, 1981, p. 667-689)<sup>11</sup> estrutura-se em seis partes, com *stanze* de seis versos cada uma – 110 sextilhas – totalizando 654 versos, alternando-se decassílabos heroicos e octossílabos, com rimas revezadas, rimando também, algumas vezes, o final dum verso com o meio do mesmo verso<sup>12</sup>. Pois que “balada”, o ritmo elegante e tristemente musical, impresso, sobretudo pela escansão e rimas pares, acentua a atmosfera lúgubre da prisão. “Patética”, como a denominou Jorge Luis Borges (1997, p. 111), a derradeira peça literária de Oscar Wilde inscreve-se, metalinguisticamente, na tradição literária inglesa, como balada, ou seja, como veículo, repositório e memória, reiterando várias vezes o mesmo motivo poético, ao passo que vai detalhando, ao mesmo tempo minuciosamente e com clima simbolista, os trabalhos e castigos desumanos, a que são submetidos os “condenados”, emblemados pelo enforcado, que foi enterrado nu e em cal viva. Com seu tom elegíaco orienta-se para o *pathos*, com os consequentes temas do lamento, da dor e da melancolia, celebrando a morte de um herói, ou anti-herói, como o fora, aliás, o próprio poeta que a compôs, vendo-se no espelho trágico do colega de prisão, que cortara a garganta da esposa, assim como Wilde sufocara a goela arrogante da aristocracia e da burguesia vitorianas. Como assinala Vyvyan Holland, filho do poeta encarcerado, há “um terror cru presente em ‘A balada da prisão de Reading’” (HOLLAND, 1991, p. 68). No poema wildiano, o crime ocorre na cama, ao passo que consta, na crônica policial, que o ex-sargento cortara, na rua, a garganta da esposa traidora. Chego a crer que a excelente peça teatral inglesa, transformada por Sean Mathias, em 1997, em filme, **Bent** (1979), de Martin

<sup>11</sup> “A Balada da Prisão de Reading” (WILDE, 1986, p. 969-984).

<sup>12</sup> A tradução de Oscar Mendes não conservou a escanção original do poema, mas não segue seu esquema de rimas.

Sherman se tenha inspirado no poema em pauta; com efeito, trata da perseguição, no Terceiro *Reich* alemão.

A respeito da estética deste seu poema, confessou Oscar Wilde:

É o grito de Marsias, não o canto de Apolo. Perscrutei as profundezas de grande parte das experiências da vida e cheguei à conclusão de que estamos destinados a sofrer. Existem momentos em que o sofrimento nos agarra como se fosse um tigre, pela garganta e foi apenas quando me encontrei nas profundezas do sofrimento que escrevi meu poema. A face do homem irá perseguir-me até a morte (*apud* Ellmann, 1988, p. 458).

Talvez seja a redundância a figura de retórica fulcral de todo o poema: assim como os presos andavam em círculo, um círculo inócuo, repetem-se, quase *ad nauseam*, os versos da longa balada épica e elegíaca.

Na descrição ampla que o poema desenha, ressalta-se o olhar o céu, atitude também reiterativa, como única possibilidade de romper as grades da cela. O preso, condenado à morte, contempla o céu, que o aguarda (ou será o inferno? Mas já não vive ele num inferno?):

I never saw a man who looked  
With such a wistful eye  
Upon that little tent of blue  
Which prisoners call the sky,  
And at every drifting cloud that went  
With sails of silver by

(Wilde, 1981, p. 667) <sup>13</sup>

Esquecido de sua dor, o “eu” lírico irmana-se na dor do condenado, passando a usar o pronome pessoal “*we*” (nós) e exibindo uma solidariedade exemplar, que medita em como somos todos malfetores, necessitando de perdão; quanto maior for o crime cometido, maior a caridade a ser recebida. A figura retórica do paralelismo,

<sup>13</sup> Eu nunca vi homem que contemplese/ Com tão embevecido olhar,/ Aquela pequenina tenda azul/ que os presos chamam firmamento,/ E toda errante nuvem que passava/ Com suas velas prateadas (WILDE, 1986, p. 969).

constante no poema, revigora a irmandade entre os condenados. O ex-sargento figura, em sua condenação, o simulacro sangrento da sombra de Wilde.

Caminhando para o seu anti-*grand finale*, ou anticlímax, o poema assume uma dicção lamuriosa, religiosa, às vezes piegas, conotando, quem sabe, remorso (referimos, acima, como agourento, o poema wildiano “The new remorse”), pedido de perdão a Deus, atitude que sinaliza a iminente conversão de Wilde ao catolicismo, impregnado de culpa. Richard Ellmann nota “algumas estrofes reconhecidamente canhestras de ‘A balada da prisão de Reading’” (1988, p. 479), talvez face ao esgotamento físico e espiritual de seu biografado. No entanto, a verve poética wildiana retoma seu posto lancinante, quando retorna, no epílogo, às estrofes contundentes, que inauguram a balada: ciclo da vida, círculo da prisão, ritmo repetitivo do poema. Observa, agudamente, ainda, o biógrafo de Wilde que o desejo de matar o objeto do amor “aparece em muitas obras de Wilde, de ‘Humanidad’ e ‘A duquesa de Pádua’ e a ‘A balada da prisão de Reading’” (1988, p. 212), o que confirma, em sua última obra, uma volta do Autor a seus temas preferidos, que mostram o narcisismo como “um adorável suicídio” ou um assassinato do objeto do desejo. A **Salomé** wildiana emblema o gesto fatal (MUCCI, 2008). Contudo, o suicídio implícito de Oscar não foi “adorável”, mas execrável. Em **Amizades e loucuras de Oscar Wilde**, Lewis Broad considera “The Ballad of Reading Goal” “o seu melhor poema, dedicado à memória de C.T.W., durante algum tempo soldado da Guarda Real Montada, morto na prisão de Reading, Berkshire, 7 de julho de 1896” (BROAD, 1957, p. 288).

Conforme replicou o próprio Oscar Wilde à crítica de um amigo,

o poema (“A balada da Prisão de Reading”) tem a desvantagem de apresentar uma finalidade estilística dupla. Em parte é realista e em parte, romântico; em parte poesia, em parte, propaganda. Noto-o claramente, mas me parece que, no conjunto, o resultado é interessante: que seja interessante em mais um ponto de vista é coisa a lamentar artisticamente (...). Em mim se trata de um estilo novo, cheio de atualidade e de vida pelo que sua mensagem e significado têm de direito (...). Na realidade, descrever um cárcere artisticamente é tão difícil quanto seria descrever um vaso sanitário. Se se tivesse que se descrever esse em uma obra literária em prosa ou verso, somente se poderia dizer que está bem ou mal provido de papel; que está limpo ou o contrário. O horror do cárcere é que tudo é simples e vulgar por

si só e seu efeito tão degradante e repugnante (Apud FUNKE, 1972, p. 169)<sup>14</sup>.

Teria Oscar Wilde repudiado, face à contundência de sua vida trágica, a estética *L'art pour l'art*, que professara, acirradamente, e divulgara, fervorosamente, toda a sua vida pré-prisão? Esse poema, *sui generis* no conjunto da obra wildiana, baseado em um fato real, constitui, de fato, um veemente manifesto contra o sistema carcerário inglês; a *écriture artiste* cede vez ao sangue do *corpus* torturado. Depois do poema-manifesto, Wilde, preparando-se para morrer e jogando uma pá de cal sobre o esteticismo, refugia-se na cela do silêncio mais absoluto.

Através da “Balada da prisão de Reading”, Oscar Wilde rompeu os signos de sua cela, inscrevendo-se como um novo Cristo, ressuscitado na poesia universal de todos os tempos.

Transcreve-se, abaixo, excerto da primeira parte do poema original, com sua respectiva tradução, por Oscar Mendes:

#### THE BALLAD OF READING GAOL

##### I

He did not wear his scarlet coat,  
 For blood and wine are red,  
 And blood and wine were on his hands  
 When they found him with the dead,  
 The poor dead woman whom he loved,  
 And murdered in her bed.

He walked amongst the Trial Men  
 In a suit of shabby grey;  
 A cricket cap was on his head,  
 And his step seemed light and gay;  
 But I never saw a man who looked  
 So wistfully at the day.

I never saw a man who looked  
 With such a wistful eye  
 Upon that little tent of blue  
 Which prisoners call the sky,

<sup>14</sup> Tradução nossa.

And at every drifting cloud that went  
With sails of silver by.

I walked, with other souls in pain,  
Within another ring,  
And was wondering if the man had done  
A great or little thing,  
When a voice behind me whispered low,  
"That fellow's got to swing."

Dear Christ! the very prison walls  
Suddenly seemed to reel,  
And the sky above my head became  
Like a casque of scorching steel;  
And, though I was a soul in pain,  
My pain I could not feel.

I only knew what haunted thought  
Quickened his step, and why  
He looked upon the garish day  
With such a wistful eye;  
The man had killed the thing he loved,  
And so he had to die.

Yet each man kills the thing he loves,  
By each let this be heard,  
Some do it with a bitter look,  
Some with a flattering word,  
The coward does it with a kiss,  
The brave man with a sword!

Some kill their love when they are young,  
And some when they are old;  
Some strangle with the hands of Lust,  
Some with the hands of Gold:  
The kindest use a knife, because  
The dead so soon grow cold.

Some love too little, some too long,  
Some sell, and others buy;  
Some do the deed with many tears,  
And some without a sigh:  
For each man kills the thing he loves,  
Yet each man does not die.

(WILDE, 1981, p.667-668)<sup>15</sup>.

Das profundezas da ignomínia, que lhe foi, ao final da vida, imposta, Oscar Wilde, que, na “Balada da prisão de Reading”, fez uma catastrófica catarse, ter-se-á mirado, Narciso estilhaçado, no espelho do enforcado, considerando, talvez, que sua tragédia, com tamanha a violência e desumanidade, nada tinha de tragédia grega, tampouco de arte alguma. O real assassinou a metáfora, como outrora, no quadro da ficção fantástica, o retrato pintado de Dorian Gray matara seu modelo, dândi devasso.

### OSCAR WILDE OR THE INCARCERATED POETIC IDENTITY

#### ABSTRACT:

This article aims to expose the dandy soul of Oscar Wilde. His life proves extravagance events, liberty claims, and homoafects tolerance. **The Picture of Dorian Gray's** author even suffered a criminal process in reason of his relation with Lord Alfred Bruce Douglas, called Bosie, despite Wilde being married. Other biographical issues can demonstrate the fantastic experience in the flamboyant life.

**KEYWORDS:** Oscar Wilde. Dandy. Biography.

#### Referências

BORGES, Jorge Luis. **Introducción a la literature inglesa**. Buenos Aires: EMECÉ, 1997.

BROAD, Lewis. **Amizades e loucuras de Oscar Wilde**. Trad. Jorge Maia e R. Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957.

<sup>15</sup> “A balada da prisão de Reading Já não usava a túnica vermelha / Pois sangue e vinho são vermelhos;/ E sangue e vinho havia em suas mãos/ Quando co’a morta o encontraram./ A pobre mulher a quem amava/ E assassinara em seu leito./ Caminhava entre os Homens Condenados/ Com rota roupa e cor de cinza,/ Um gorro de críquete na cabeça/ E passo, ligeiro e jovial;/ Mas nunca homem vi que contemplasse/ Tão ansioso a luz do dia./ Eu nunca vi homem que contemplasse./ Com tão embevecido olhar,/ Aquela pequenina tenda azul/ Que os presos chamam firmamento,/ E toda errante nuvem que passava/ Com suas velas prateadas./ Com outros condenados caminhava/ Dentro dum círculo semelhante,/ E se grande ou pequeno, imaginava,/ O crime que ele cometera,/ Quando alguém sussurrou atrás de mim: “*Aquele vai ser enforcado?*”./ Jesus! Os próprios muros da prisão/ Tremer de súbito parecerem/ E o céu no alto sobre mim se torna/ Um elmo d’ aço abrasador;/ E embora eu fosse uma alma em sofrimento,/ Sentir não pude a minha dor./ Soube tão só que torturante ideia/ Lhe dava ao passo aquela pressa,/ Porque olhava para o céu brilhante/ Com tal olhar de ansiedade;/ O homem matara aquela a quem amava/ E assim teria de morrer./ Contudo os homens matam o que amam/ Seja por todos isto ouvido/ Alguns o fazem com acerbo olhar,/ Outros com frases de lisonja,/ O covarde assassina com um beijo,/ O bravo mata com um punhal!// Uns matam seu amor, quando são jovens,/ Outros quando velhos estão;/ Com as mãos do Desejo uns estrangulam/ Outros do Ouro com as mãos;/ Os de mais compaixão usam a faca,/ O morto assim logo se esfria./ Uns amam pouco tempo, outros demais;/ Este o amor compra, aquele o vende;/ Uns matam a chorar, com muitas lágrimas,/ Outros sem mesmo suspirar:/ Porque cada um de nós mata o que ama,/ Mas nem todos hão de morrer (...” (WILDE, 1986, p. 969-970).

ELLMANN, Richard. **Oscar Wilde**. Trad. José Antônio Arantes. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

FUNKE, Peter. **Oscar Wilde**. Trad. Federico Latorre. Madrid: Alianza, 1972.

GAY, Peter. **Modernismo: a heresia do fascínio**. De Baudelaire a Beckett e mais um pouco. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HOLLAND, Merlin. **O álbum de Oscar Wilde**. Trad. Marcello Rollemberg. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

HOLLAND, Vyvyan. **Oscar Wilde**. Trad. Sérgio Flaskman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

SENA, Jorge de. **A literatura inglesa**. Lisboa: Cotovia, 1989.

HYDE, H. Montgomery. **Trials of Oscar Wilde**. London: Penguin Books, 1948.

JOYCE, James. Oscar Wilde: Il Poeta di “Salome”. **Il Piccolo della Sera**, Trieste, 24 de março de 1909.

MUCCI, Latuf Isaías. Figurações intersemióticas de Salomé, mito decadentista par excellence. In: **XI Congresso Internacional da ABRALIC**, 2008, São Paulo. Catálogo do XI Congresso Internacional da ABRALIC, 2008. v. 1

WILDE, Oscar. **The Portable Oscar Wilde**. Harmondsworth: Penguin Book, 1981.

WILDE, Oscar. **Obra completa**. Trad. Oscar Mendes. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1986.

<http://www.law.umkc.edu/faculty/projects/ftrials/wilde/wilde.htm>

<http://wilde.altervista.org/processo.htm>

<http://www.geocities.com/starparty1/bosie/> THE UNOFFICIAL WEBSITE OF LORD ALFRED ‘BOSIE’ DOUGLAS

<http://literatus.blogspot.com/2008/11/o-amor-que-no-ousa-dizer-o-nome-nesse.html> (Acesso em 31.07.2009).

*Recebido em 24/05/2011.  
Aprovado em 05/07/2011.*